

# O conceito de Tecnoceno de Flávia Costa e a compreensão do mundo digital

Nair Renata Amâncio

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA  
| UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)  
ORCID: 0000-0002-4309-5033



COSTA, Flávia. *Tecnoceno: Algoritmo, biohackers y nuevas formas de vida*. 1. Ed. Buenos Aires: Taurus, 2021

**F**lavia Costa é professora, editora, pesquisadora do *Consejo Nacional de Investigaciones científicas y técnicas* (Conicet-Argentina) e também doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Em seu mais recente trabalho *Tecnoceno, algoritmo, biohackers y nuevas formas de vida*, publicado no ano de 2021 pela Editora Taurus, em Buenos Aires, a pesquisadora apresenta e desenvolve o conceito de Tecnoceno, dando ênfase à sua importância e contribuição para pensar e agir sobre o presente pandêmico ou pós-pandêmico.

É significativo considerar que o pensamento sobre a técnica desenvolvido pela estudiosa está ancorado nas relações entre filosofia e técnica, e

é nessa chave, de certo modo ontológica, que todos os cinco capítulos do livro (*Introducción: El vértigo del salto de escala, Big data algoritmos y el nuevo orden informacional, Hacktivismo, biometria y vigilancia genética, Formas de vida infotecnológica e Epílogo: El malestar en la cultural digital*) apresentam uma leitura abrangente e ao mesmo tempo minuciosa da história e do presente da técnica.

A complexidade analítica, teórica e referencial presente no trabalho é possível dada a trajetória da pesquisadora — nos agradecimentos do trabalho nos é dado a conhecer que a escrita de *Tecnoceno* é resultado de trabalhos que tiveram início em 1990. Assim, a autora relaciona um vasto conhecimento sobre a técnica com os acontecimentos dos últimos anos, mais precisamente o contexto da pandemia de COVID-19, caracterizado por Costa (2021) como acidente normal, ou seja, como um acontecimento que é próprio de sistemas sociotécnicos complexos.

Dada a relevância que o tempo assume na obra, na introdução “*El vertigo del salto de escala*”, Flavia Costa evidencia o conceito que dá nome ao livro, conceituando *Tecnoceno* a partir da etapa anterior (antropoceno), sublinhando que ambos os conceitos foram propostos na tentativa de marcar influências e transformações irreversíveis na terra em níveis geológicos, provocados outrora pela ação do homem e, agora, pela ação técnica.

Mais que conceituar *Tecnoceno* em uma tentativa de fazer um contraponto ao Antropoceno, o que Flávia Costa busca é operar uma análise que coloca em evidência como essa mudança de paradigma — somada à experiência da pandemia de COVID-19 — tem propiciado novas formas de vida e diferentes possibilidades de interação humano-máquina.

Metodologicamente, é a partir da busca pela compreensão de um cenário pós-pandêmico que possa beneficiar os humanos através das tecnologias que a pesquisadora se questiona o que fazer, tendo como objetivo responder questões que dizem respeito a processos antro-po-genéticos, ontológicos e epistemológicos de dimensões ético-políticas.

Com base nesses pressupostos, no primeiro capítulo intitulado *Big data, algoritmos y el nuevo orden informacional*, ganha destaque a discussão da nossa forma de participação no tempo presente através dessa “nova ordem informacional”, colocando em questão que esses dados, os famosos “big datas”, não são apenas uma forma de armazenamento, mas sim o resultado de nossa forma de participação social, em grande medida consolidados pela pandemia de covid-19.

Além da discussão referente à imensa geração de dados provocada por nossas ações — como uma videochamada, um acesso a um vídeo ou um like em uma foto — a pesquisadora alerta sobre a propriedade dos dados, trazendo a máxima “*Los datos nunca están “dados”*” para, a partir daí, trazer para a discussão as “*Sociedades de control y nuevo orden informacional*.”

Da forma como é tratada nessa obra, a questão do controle dos dados perpassa diferentes esferas da atuação social, incluindo a esfera biológica. No entanto, o ponto de virada do *Tecnoceno* está em contestar e apontar que, tratando-se de vigilância, é considerável retomar a década de 1970 para pontuar a intensificação do controle de dados públicos e privados. Dito isto, não surpreende o fato de que o conceito de Biopoder, elaborado originalmente por Michael Foucault, tenha vindo a público em 1979.

Sem perder de vista a pergunta “o que fazer?” Costa deslinda como a lógica de geração e acumulação de dados acabou por dar origem à “ideologia do “ágil”, apontando ao mesmo tempo como exemplo e crítica o modo como a realização de simples tarefas cotidianas, “como marcar um horário para tramitar um novo documento de identidade”, só é possível se você passar por uma série de provedores de internet, sistemas operativos, plataformas de redes e aplicações, mostrando que diante da inserção tecnológica e da vigilância algorítmica, o sujeito não tem escolha, a não ser que deixe de participar da cidadania. Assim, a vigilância algorítmica tem se convertido em um modelo de governabilidade.

É com essa discussão sobre estar “sem saída” quanto a escolher preservar uma certa subjetividade que Flávia Costa parte para a discussão do *Hacktivismo*, *biometria* y *vigilância genética*, evidenciando, desde a primeira página, a subjetividade como um direito pelo qual devemos lutar.

É interessante notar como a autora transita entre exemplos de apropriação de *Hacktivismo* e vigilância genética, pois, em ambos os casos, se tem como ponto central o uso das tecnologias para encontrar, armazenar e decodificar material biológico — para produção artística segundo o *Hacktivismo*, e para vigilância e manipulação do comportamento (do Estado ou dos gigantes da tecnologia) nos termos da vigilância genética. A partir de exemplos dessa ordem, fica como questão até que ponto a governabilidade deveria ter domínio ou poder sobre nosso material biológico.

Por fim, no penúltimo capítulo do livro (“*Formas de vida infotecnológicas*”), Costa encaminha o fechamento da obra propondo pensar as possibilidades diversas de interação humano-máquina de modo a alcançar um certo melhoramento genético e as condições de existência entre biologia e técnica, que acabam por alterar o que somos enquanto humanos.

Sem dúvida é uma obra que merece ser lida de maneira detida, pois trata-se de um estudo amplo e repleto de referências que despontam questões de interesse social, cultural, político e econômico de qualquer cidadão situado no presente contextual informacional.